

A ESCOLA E A SEXUALIDADE INFANTIL SCHOOL AND CHILD SEXUALITY

Angelita Carmo Pereira¹
Edilaine Cristina da Silva Almeida²
Daniele Ferreira de Campos Moraes³
Janaína Mendes Leão⁴
Kilrian Genes Konnse Silva Sena⁵
Mara Rubens Outo Procópio⁶

RESUMO: A sexualidade infantil é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento humano, apesar da crença comum de que os problemas sexuais só aparecem na idade adulta e não devem ser atribuídos às crianças. No entanto, as manifestações da sexualidade infantil podem ser vistas principalmente na escola, pois essa sala está presente desde cedo. Este artigo utiliza as construções freudianas para compreender a sexualidade da criança e suas manifestações de desenvolvimentos e, em seguida, analisa como a escola aborda o desenvolvimento sexual da criança, o que nos permite compreender a conexão entre o ambiente escolar e a sexualidade da criança.

1093

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Contexto Escolar. Psicanálise.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos – FQM, Graduada em Pedagogia pela Unopar – Universidade Norte do Paraná, Especialista em Psicopedagogia pela FACIPAN - Faculdade do Instituto Panamericano.

² Graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Educação Integral pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Mestranda em Ensino pelo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Educação Infantil pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC.

⁴ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Várzea Grande – UNIVAG, Graduada EM Psicologia pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Neuropsicologia e Docência do Ensino Superior pela Faculdade – UniBF, Mestre em Ciências da Educação pela Yve Crithian Enber University.

⁵ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integrada Mato-grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Especialista em Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais – IESMIG.

⁶ Graduada em Pedagogia pelo Instituto Cuiabano de Educação – ICE, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin - FTED.

ABSTRACT: Child sexuality is one of the most important aspects of human development, despite the common belief that sexual problems only appear in adulthood and should not be attributed to children. However, manifestations of child sexuality can be seen mainly at school, as this room is present from an early age. This article uses Freudian constructions to understand the child's sexuality and its developmental manifestations, and then analyzes how the school approaches the child's sexual development, which allows us to understand the connection between the school environment and the child's sexuality.

Keywords: Child sexuality. School Context. Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade no sentido convencional sempre esteve associada à ação sexual, propósito reprodutivo ou comportamento depravado e limita-se ao mundo dos adultos. O tema é pouco discutido e em sua maioria considerado polêmico, principalmente quando se trata da infância. Segundo o senso comum, as crianças são vistas como seres puros que carecem de sexualidade e não a veem como parte do desenvolvimento. Assim, o trabalho visa compreender como a escola trata as manifestações da sexualidade infantil, o que permite compreender as relações mútuas do ambiente escolar em relação ao tema da sexualidade infantil. Este trabalho é compilado a partir das obras de Sigmund Freud, mas deve-se ressaltar que devido às limitações do assunto e do tempo, a pesquisa estabelece limites. Assim, examina-se a sexualidade da criança e suas manifestações e, em seguida, o posicionamento da escola sobre o assunto.

Nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de Freud, de 1905, Freud comenta a sexualidade infantil e suas manifestações, apresentando uma compreensão ampla do assunto relacionado à estrutura do psiquismo. O autor enfatiza a ereção e a masturbação como atividades normais na infância, mas ainda hoje na sociedade esses comportamentos são atos pecaminosos ou viciosos que criam conflitos sexuais que podem se estender até a idade adulta. (FREUD, 1905).

Em vez de confundir o desejo sexual como ocorrendo apenas na puberdade, o autor discute os desejos parciais que aparecem desde os primeiros anos de vida da criança, ou seja, a satisfação é procurada em diferentes zonas erógenas caracterizadas por: “parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (FREUD, 1905, p. 172).

O referido autor apresenta outros indícios das manifestações da sexualidade infantil por meio da sucção, onde a criança suga ritmicamente alguma parte do corpo (dedos das mãos e pés, pé) e recebe satisfação em seu corpo (sem objeto), o que caracteriza o autoerotismo. Essa manifestação é uma espécie de lembrança de quando a criança sentia prazer em sugar o seio da mãe. Em outras palavras, a atividade sexual da criança baseia-se inicialmente nas atividades de sustentação da vida, e somente após esse estágio ela se torna independente delas (FREUD, 1905).

As manifestações mais importantes da sexualidade infantil estão relacionadas às fases de desenvolvimento descritas pelo autor. A sucção está ligada à boca, pois o prazer é obtido pela boca, inicialmente pelo seio da mãe e depois pela sucção de objetos, brinquedos ou dedos. As manifestações sexuais masturbatórias podem ser direcionadas para a região anal, caso em que as fezes permanecem fechadas até o acúmulo, o que provoca uma forte estimulação da mucosa. A função dos genitais também está relacionada à micção, pois segurar e soltar a urina é prazeroso para a criança (FREUD, 1905).

As manifestações da sexualidade infantil ensinam as diferenças e semelhanças entre os sexos, que, além do gozo, incluindo a percepção de diferentes sentimentos, contribuem para o desenvolvimento da criança (MAIA; SPAZIANI, 2010).

Nesse período de idade, muitas crianças passam a frequentar as chamadas “escolinhas”, desse modo compreende-se que estas instituições presenciam diariamente os comportamentos sexuais infantis.

De acordo com as Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos (os) na Educação Básica (2013), até 1960 as instituições sociais caracterizavam-se pela moralização e, desde então, a militarização apoiou as práticas disciplinares em detrimento do diálogo nos

espaços escolares e, além disso, o aumento da diversidade de experiências socioculturais da população dentro das escolas contribuiu para a exclusão.

A escola se caracteriza como um ambiente que tenta determinar como se comportar, como aprender, ditar valores, comportamentos, rótulos, estabelecer ordem, criando o que está fora desse modelo, seguindo as normas ideológicas difundidas pelo capital (REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS) NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 41).

Portanto, no contexto de inconsistências e proibições - por exemplo, a sexualidade infantil pode-se compreender como a escola lida com as manifestações sexuais das crianças.

2. DESENVOLVIMENTO

Historicamente, o ambiente escolar tem usado punição, controle, para disciplinar e ditar a forma como os alunos se comportam e interagem. De acordo com o cenário atual, a rápida mudança da sociedade com novos meios de comunicação e informação se funde com o sistema anterior da instituição de ensino, ou seja, surge um conflito entre os valores pessoais distantes dos agentes escolares. sobre uma proposta de ambiente escolar que avalie, entre outras coisas, ensino, enfermagem, desenvolvimento, aprendizagem.

Pastana; Maia (2014) apontam que quando as crianças questionam a respeito do corpo e da sexualidade, suas dúvidas são vistas com desagrado, negação, censura, constrangimento sendo repreendidas ou havendo um silenciamento por parte dos educadores.

Ao invés de promover o aprendizado sobre o que os alunos trazem, eles agem de forma negativa repreendendo o aluno por verem a criança perguntando sobre sexo para constranger um adulto, ou como rude ao invés de apenas curioso e, portanto, pedindo uma explicação (PASTANA; MAIA 2014).

Através da análise a partir das perguntas das crianças e como os professores lidam com elas, é possível compreender a discórdia no ambiente escolar, pois a compreensão negativa da sexualidade é transmitida às crianças quando elas entendem que a sexualidade não pode ser questionada ou explicada na escola. suas dúvidas (PASTANA; MAIA, 2014).

É importante que os educadores compreendam que a sexualidade infantil não significa apenas sexualidade e sexualidade adulta, ou seja. ao olhar e compreender a sexualidade de uma criança, é preciso parar de olhar para ela do ponto de vista de um adulto.

Pastana; Maia (2014) definem a sexualidade como um termo amplo que inclui amor, desejo, bem-estar, satisfação, fantasia e conexão. Determinam que ela se manifesta desde o nascimento e sua aprendizagem se dá na infância e é influenciada pelo ambiente em que a criança vive, ou seja, os eventos com os quais essa aprendizagem está relacionada, como família, escola e outros ambientes. aspectos

Hoje em dia, as pessoas têm melhores oportunidades de se informar através da mídia, mas a falta de diálogo e explicações podem ter consequências negativas, razão pela qual as pessoas não conseguem lidar melhor com sua sexualidade. O acesso fácil e rápido a diversos conteúdos midiáticos como músicas, vídeos, filmes, propagandas, jogos entre crianças cada vez mais novas afeta o comportamento das crianças onde são apresentadas na escola como diferenças estereotipadas entre mulheres e homens. masculinidade e hipersexualidade.

A escola é vista como uma aliada da família, que pode promover a educação sexual, esclarecendo as dúvidas de alunos e pais, que muitas vezes não sabem lidar com esses problemas, ou promovendo palestras, grupos de discussão e seminários (MAIA; SPAZIANI, 2010).

O espaço escolar é privilegiado para promover essa discussão, uma vez que deve permitir a aprendizagem e o encontro de saberes diante os desafios para que a sexualidade da criança seja compreendida com respeito (MARTINI, 2009).

A criança expressa sua sexualidade de forma natural nos mais diferentes contextos de sua vida e a escola não deve ser alheia a esse processo. A criança menor, destituída de vergonha, apresenta satisfação em mostrar e observar, sobretudo, as partes sexuais desnudas, caracterizando comportamentos de despirse frente outros indivíduos e a curiosidade em observar as partes íntimas de colegas de sala (FREUD, 1905).

O professor deve ter conhecimento sobre o desenvolvimento integral da criança a fim de apreender a respeito da sexualidade infantil e orientar alunos e pais.

Para Donizete (2010), a sexualidade infantil é um enigma para a própria criança. Freud discorre sobre enigmas que circundam a vida sexual infantil, movidas pela pulsão de saber e de investigar. A criança elabora suposições, como por exemplo: acreditar que todos os indivíduos têm pênis; ignorar a existência da vagina e pensar que o nascimento dos bebês ocorre por meio do ânus ou do umbigo. E aos professores é preferível desprezar a sexualidade infantil, agindo de modo a reprimir ou até mesmo punir os comportamentos dos alunos.

São comuns em crianças entre 0 e 5 anos a manipulação dos órgãos genitais, a retenção da urina, o beijo, a observação de outras crianças no banheiro, a exibição dos órgãos genitais para outras pessoas, o namoro infantil, a prática de vestir-se com roupas de adulto (fetichismo), as brincadeiras e as curiosidades, quando as crianças perguntam sua origem (SILVEIRA, 2010).

A pulsão sexual infantil abrange outras pessoas como objetos sexuais ao abarcar as pulsões parciais de olhar e exibir, a criança apresenta satisfação em mostrar e observar, sobretudo, as partes sexuais desnudas (FREUD, 1905).

É evidente haver diversas dificuldades em se trabalhar a sexualidade infantil no contexto escolar. Apesar de ser a escola um dos primordiais espaços para aprendizagem e desenvolvimento, os educadores também não estão preparados, seja por conta da formação ou da utilização de valores pessoais, sendo assim, adaptam até mesmo o material didático para lidar com as diversas expressões da sexualidade infantil.

Para Quadrado e Barros (2014), a escola é um espaço onde há a produção de subjetividades, ocorrendo a determinação de saberes os quais serão considerados mais importantes ou mais válidos. Nesse âmbito, assuntos voltados à sexualidade apesar do diminuto espaço encontrado nos materiais didáticos são desconsiderados ou trabalhados de modo superficial e breve, pautada em explicações biológicas. Os autores propõem que a exclusão de certas temáticas do material oficial utilizado em sala de aula, corrobora para instaurar determinado lugar social que deve ser ocupado por cada um, estabelecendo o que deve ou não fazer parte do currículo (QUADRADO; BARROS, 2014).

A questão da sexualidade infantil na escola não está perpassada somente pelos valores pessoais dos professores, silenciamentos, distorção ou reprovação dos adultos, mas também

uma articulação no próprio currículo escolar para delimitar e legitimar o que deve ser dito e como deve ser dito na escola (QUADRADO; BARROS, 2014).

Essa abordagem da sexualidade na escola dificulta a compreensão dos alunos sobre esta temática de modo mais amplo, ou seja, relacionando-a ao prazer, ao desenvolvimento, a personalidade, a homofobia, ao preconceito, dentre outros tópicos. Se os professores assimilam e lidam com as manifestações da sexualidade infantil como algo negativo e ruim, essa compreensão é passada aos alunos que entendem a relação com o próprio corpo e prazer de forma negativa, também. Portanto, os autores apontam que as crianças reproduzem em suas interações, os modelos aprendidos com os adultos (PASTANA; MAIA, 2014).

É dentro de um molde informal que a escola “educa” sexualmente seus alunos, ou seja, por meio de sua condução a respeito deste assunto. Castro (2008, p. 4) reafirma “tudo é feito com extrema cautela e com muito receio, buscando refúgio no “científico”, na maioria das vezes evitando a contextualização social e cultural das questões”.

A formação acadêmica das professoras corrobora para esse lugar marginalizado da sexualidade na escola. Um estudo realizado por Schindhelm (2009), a partir dos discursos das professoras a respeito da formação profissional, evidencia muitas incertezas, medos e preconceitos ligados ao sexual, os quais se enredam aos pensamentos e ideais embutidos por diversos valores associados a religião e a família. A autora aponta para uma formação docente generalizada, havendo uma distância entre o que foi aprendido durante a graduação e o que é presenciado no cotidiano escolar.

A própria formação contribui para as incertezas ao lidar com as manifestações da sexualidade infantil e a inserção de valores pessoais dentro desse espaço pode ter a intenção de preencher as lacunas.

Schindhelm (2009) propõem como necessária uma formação continuada que habilite as professoras a lidarem com a formação de seus alunos de forma ampla e integral, abrangendo os aspectos cognitivos, afetivos e sexuais.

O discurso das professoras possibilita a compreensão do espaço destinado a sexualidade na escola. A sexualidade na educação infantil é passa por várias questões como estranhamentos e rejeição dos próprios agentes escolares e muitas vezes dos familiares.

Nesse âmbito, são os adultos ao redor da criança que ditam como a sexualidade deve ser vivenciada ou não, desconsidera haver um olhar próprio da criança de aprendizagem, curiosidade quanto à descoberta de seu corpo, do que lhe é prazeroso.

[...] se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções, nas quais a verdade adivinhada mescla-se da forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa dos jovens curiosos” (FREUD, 1924, p. 128).

Estas inscrições são reproduzidas como homofobia, preconceitos, dificuldades ou o próprio desconhecimento sobre os corpos, afetos e prazer. Dentro desse encadeamento, os agravantes são inúmeros, como a violência sexual, a pedofilia, a gravidez indesejada, DST's, ou seja, as implicações vão desde a dimensão mais subjetiva do sujeito até questões sociais, culturais e políticas.

Esses assuntos são difundidos na adolescência, porém é importante oferecer desde a infância uma educação que contenha o campo da sexualidade, não somente a escola, mas juntamente com a família (FERREIRA, 2013).

De acordo com Rodrigues; Wechsler (2014), a educação sexual nas instituições deve transmitir um enfoque sociocultural sobre a sexualidade, permitindo a ampliação da concepção de mundo, ajudando o aluno a aprofundar e refletir sobre a inserção da sexualidade apresenta em sua cultura.

Conforme Quadrado; Barros (2014, p. 120), essa concepção se faz importante, pois “engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa Educação para a sexualidade sociedade democrática e pluralista”.

No ambiente escolar as crianças têm contato com outras de diversas idades, classes sociais, culturas, etnias, religiões, entre outros, havendo diferenciações de gênero, pois a escola fomenta as diferenças de gênero (GIACHINI; LEÃO, 2016).

Para a inclusão dessas questões na escola, é necessário implantar de modo concreto e objetivo uma gestão escolar democrática, permitindo a participação de toda a equipe escolar,

promovendo um espaço de acolhimento para todos, bem como de respeito, de tolerância, de equidade, de compreensão, tendo em vista as condições humanas e sociais que se dão no ambiente escolar” (GLOOR; FRANÇA, 2013).

É possível observar os muitos desafios do ambiente escolar frente à sexualidade das crianças. Assim, é preciso ressaltar a importância e o papel do espaço escolar no desenvolvimento dos alunos, sendo necessário problematizar os padrões e comportamentos diante da sexualidade, pois o contexto escolar é privilegiado na promoção da aprendizagem e do conhecimento.

É necessário que o pessoal escolar tenha essa dimensão da educação e se livre de uma aparência adulta, repleta de valores individuais e religiosos, a fim de promover uma educação democrática capaz de promover o desenvolvimento e a aprendizagem saudáveis, onde haja espaço para diálogo. e treinamento contínuo. representantes das escolas.

O ambiente escolar é permeado e influenciado por questões que o cercam, como economia, política, cultura, ex. É importante pensar especificamente no contexto político, pois o atual governo libera maior obscuridade sobre a sexualidade, pois o discurso difundido pelo atual presidente é contra as mudanças relacionadas à sexualidade, gênero e reprodução, e não a ascensão do conservadorismo. não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, fortalecendo assim discursos pautados em valores, modos de agir, ser, se comportar e lidar com à sexualidade.

CONCLUSÃO

Embora a sexualidade dos escolares seja marginalizada, embora seja visível nas crianças desde a mais tenra idade, por ser característica do desenvolvimento, os escolares ainda não estão preparados para enfrentar esse problema. enfrentá-los com desconfiança, curiosidade e brincadeira quando eles insistem em uma aparência “adulta”. É importante dissipar a noção de que a sexualidade é uma atividade sexual porque, conforme explicado, tem um alcance muito mais amplo.

Outro aspecto está relacionado ao paradoxo, onde a escola é um ambiente de aprendizagem e o mesmo local distorce, ignora e suprime a sexualidade.

Atualmente, pais e professores veem cada vez mais claramente a manifestação da sexualidade da criança e procuram agir de acordo com valores pessoais, conceitos religiosos e moralizantes. Este tópico não é discutido com as crianças na escola.

No entanto, a formação dos educadores deve proporcionar reflexão e instrumentalização para compreender a sexualidade da criança, promovendo uma educação que permita que professores, familiares e a criança assimilem adequadamente as manifestações sexuais da infância.

São necessárias mais pesquisas sobre educação sexual, que se concentre principalmente no desenvolvimento sexual das crianças e seja adequada para a formação de professores, pois essas contribuições enriquecem o trabalho dos profissionais, beneficiam-nos por meio de uma melhor preparação e, assim, aumentam a familiaridade.

No entanto, reforça a ideia de que é preciso dialogar sobre o tema, dá a oportunidade de conhecer melhor a sexualidade infantil e explica preconceitos, tabus e mitos.

Familiares e crianças informados, mais conscientes de seu corpo e sexualidade, podem torná-los mais atentos em situações em que a condição da criança penetra e promove melhor desenvolvimento, além do fato de tal diálogo estar relacionado à promoção do bem-estar da criança. bem-estar. . . -criatura e crianças. Saúde. É importante ressaltar que o psicólogo pode dar uma grande contribuição dentro da escola ajudando na abordagem do assunto, pois é possível que funcionários da escola e familiares sejam muito contrários ao assunto longo. e trabalho árduo, mas gratificante, com muitos resultados positivos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Roney Polato de. **Professores (As), sexualidade e educação sexual: Produzindo sujeitos nos Contextos do programa de educação afetivo-sexual (Peas)**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, v. 31, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 24/09/2022.

DONIZETE, Nayara L. **Sexualidade infantil: Um olhar pedagógico**. Aparecida de Goiânia, 2010.

FERREIRA, Julia Laska. **Sexualidade infantil nos espaços escolares**. 2013. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www2.unirio.br>. Acesso em 03/10/2022.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. VII, p. 118-229, 2006.

FREUD, S. **O esclarecimento sexual das crianças**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. IX, p. 121- 129, 2006.

GLOOR, Viviane Cristina Ferreira; FRANÇA, Fabiane Freire. **Sexualidade infantil: Teoria, gestão e docência**. Epct: Encontro de produção científica e tecnológica, Campo Mourão, v. 5, n. 8, p.1-10, 25 out. 2013.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica**. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, Araraquara - Sp, v. 11, n. 3, p.1049-1422, 2016.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da sexualidade infantil: Percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. Revista Linhas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, v. 11, n. 01, p.68-84, jun. 2010. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br>. Acesso em 03/10/2022.

1103

MARTINI, Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil: uma reflexão sobre a prática pedagógica: Em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé-PR**. Orientador: Prof. Dra. Paula Mariza Zedu Alliprandini. 2009. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br>. Acesso em 24/09/2022.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Reflexões sobre a sexualidade na infância a partir de cenas do cotidiano escolar**. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Educação para a Sexualidade. Rio Grande, v. 23, n. 7: p. 203-214, nov. 2014.

QUADRADO, Raquel Pereira; BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, gêneros e sexualidades: Tensões e desafios para o currículo escolar**. Educação para a sexualidade, Rio Grande, v. 23, n. 7, p.115-127, nov. 2014.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 1, ed. 1, p. 89-104, 2014. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br>. Acesso em 24/09/2022.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Edição Brasileira. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVEIRA, Jennifer Martins. **Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: Estranhamentos e desafios**. Orientador: Dra. Denise Silva Araújo. 2010. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br>. Acesso em 24/09/2022.